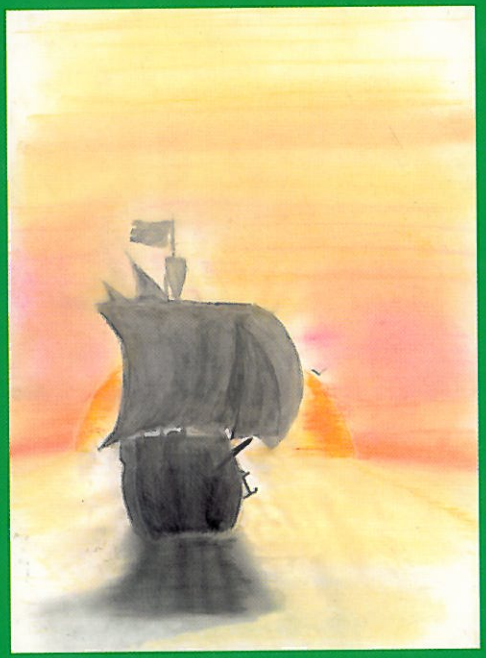
Manuel Alegre

As Naus de Verde Pinho

Viagem de Bartolomeu Dias
contada à minha filha Joana



LeR+
PLANO NACIONAL DE LEITURA
Livro Recomendado

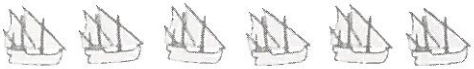
Ilustrações de Afonso Alegre Duarte

CAMINHO

Manuel Alegre

As Naus de Verde Pinho

Viagem de Bartolomeu Dias
contada à minha filha Joana



Ilustrações de Afonso Alegre Duarte

CAMINHO

Eu vi a Índia, sem a ver

Daniel de Sá, *Bartolomeu*, teatro

C4514/98 AM (BF152)
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
087.5
ALE
AS NAUS DE VERDE PINHO

Este livro tem por título *As Naus de Verde Pinho* e por subtítulo *Viagem de Bartolomeu Dias contada à minha filha Joana*. É da autoria de Manuel Alegre e foi ilustrado por seu filho Afonso Alegre Duarte. O © *copyright* pertence a Editorial Caminho, SA, 1996. O design gráfico e a paginação são de José Serrão. O texto foi composto em*Garamond*, corpo 14, entrelinhado a 16, e revisto por Secção de Revisão da Editorial Caminho. As selecções de cor e a montagem foram realizadas por CSS — Atelier Gráfico de Fotolito, Lda. A Printer Portuguesa fez a impressão e o acabamento. Desta primeira edição, que acabou de imprimir-se em Março de 1996, foram feitos 4000 exemplares. O número de depósito legal é 97 629/96, sendo o ISBN (International Standard Book Number) 972-21-1043-8.

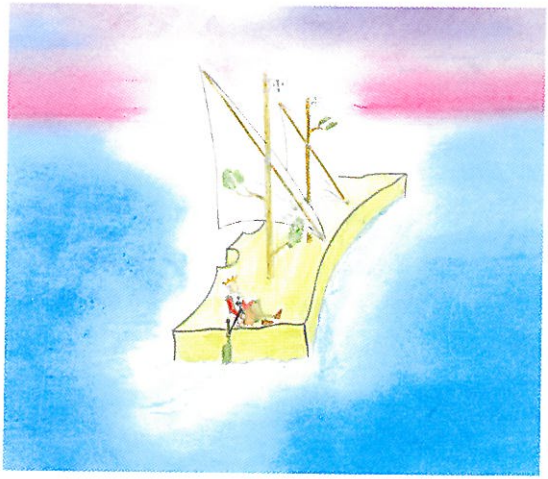
De um lado o chão e a raiz
do outro o mar e seu cântico.

Era uma vez um país
entre a Espanha e o Atlântico.

Tinha por rei D. Dinis
que gostava de cantar.
Mas o reino era tão pouco
que se pôs a perguntar:
— E se o mar fosse um caminho
deste lado para o outro?

E da flor de verde pinho
das trovas do seu trovar
mandou plantar um pinhal.

Depois a flor foi navio.
E lá se foi Portugal
caravela a navegar.



Já não era o doce rio
com seu canto de encantar.
Era o mar desconhecido
com seus medos e gigantes
onde ninguém tinha ido
nunca dantes nunca dantes.

Era o longe e a aventura
até onde o olhar se perde
era um país à procura
de caminhos por achar
era um barco verde verde
era um barco sobre o mar.

Entre a lua e as estrelas
entre a noite e o céu azul
caravelas caravelas
que partiam para o sul.

Viu-se então um grande monte
que entrava pelo mar dentro.
Já não havia horizonte
nem céu nem terra nem nada.
Só se ouvia uivar o vento
que vinha com sua espada
espadeirar as brancas velas.
Só o vento e o nevoeiro
e uma grande nuvem preta
sobre as naus e as caravelas.

De repente um marinheiro
perna de pau e maneta
ergueu a voz e gritou:
— Eu sou da Nau Catrineta
e nem ela aqui passou.
Eram ventos ventanias
naus como cascas de noz
a baloiçar sobre o medo.
Sete noites sete dias.

E só se via o penedo
só se ouvia aquela voz
do velho sempre a gritar:
— Vereis a água a ferver.
Quem quiser aqui passar
no inferno vai arder.

E já nem lua nem estrelas
só noite noite fechada
caravelas caravelas
cercadas de tudo e nada.

E de repente um trovão.
Já não era o vento a uivar
era a voz do Capitão
que se pôs a comandar:

— Seja a bem ou seja a mal
eu juro que hei-de passar
porque as naus de Portugal
não são naus de recuar.
Eu sou Bartolomeu Dias
nada me pode parar.

Calaram-se as ventanias
e até as fúrias do mar.

Só se ouvia resmungar
o velho Perna de Pau.

— Vais perder-te e naufragar
ninguém dobra o Cabo Mau.

E enquanto o velho falava
já a Armada para dentro
(onde o mar não é tão bravo)
a pouco e pouco avançava.
Levada por brando vento
navegava além do Cabo.

— Ouve lá Perna de Pau
(disse o grande Capitão)
já se foi o Cabo Mau
já se foi a nuvem preta
e não vi nenhum papão
nem me deitei a afogar.
A tua Nau Catrineta
é uma história de inventar.

Mas o velho não cedia
pôs-se de novo a gritar:

— Se navegares mais um dia
outros monstros hás-de achar
outros cabos outros perigos
que estão na volta do mar.
E naufrágios e castigos
que vos hão-de castigar.

— Sete noites sete dias
que não paras de falar.
Venci ventos ventanias
também tu te vais calar.
Ou será que és o Diabo
que me vem aqui tentar?

Perna de Pau deu um salto
e transformou-se em gigante.

— Aqui tens um novo Cabo.
Eu sou dono do mar alto
e não vais passar adiante.

— E eu sou marinheiro e abro
caminhos de par em par.
Já dobrei o Cabo Mau
vou passar este papão.
Ouve lá Perna de Pau
eu trago no coração
um país a navegar
e não há nenhum gigante
que me faça recuar.

O meu destino é chegar
cada vez mais adiante.
Nem que fosses Rubicão
mesmo assim eu passaria.
Tu és só uma visão
um cabo de fantasia.
Não metes medo nenhum.

Então o monstro sumiu
inchou inchou e fez PUM
como se fosse um balão.

E nunca mais ninguém viu
aquele Perna de Pau.

Logo o Capitão subiu
à gávea da sua nau:

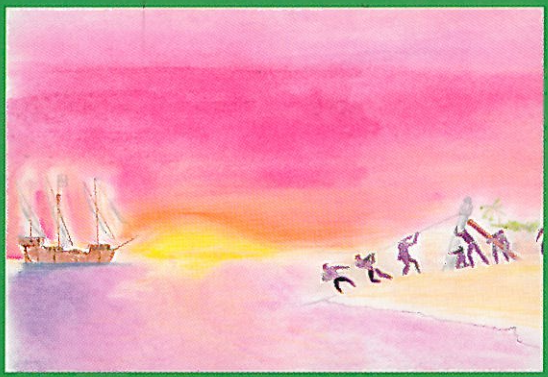
— Venham monstros bruxarias
não me deixo enfeitiçar.
Eu sou Bartolomeu Dias
e juro que hei-de passar.

E as naus seguiram em frente
sempre sempre a navegar
para além da linha azul
que há no muito imaginar.

Assim foram ao outro lado
ao ali ao longe ao lá
ao cabo nunca dobrado
onde antes nunca ninguém
e a um país que só há
dentro de nós: mais além.

De ilha em ilha e onda em onda
viram que a terra é redonda
e que o mar não é medonho.
Caravelas caravelas
feitas de trova e de sonho
cascas de noz pequeninas
levavam nas brancas velas
o pendão das cinco quinas.

Umas foram para o Oriente
outras foram para o Sul
umas ao Brasil chegaram
outras à Índia e ao Japão.
Todas ao mundo mostraram
que o mar não é um papão.
Mas o primeiro a passar
foi o grande Capitão.



Não mais as falsas verdades
que velhos doutores diziam.
Contra o medo e as tempestades
guiadas pelas estrelas
navegavam e aprendiam
um saber de experiência.
Caravelas caravelas
do outro lado da ausência.

Para além do nunca dantes
onde nascem sol e vento
porque monstros e gigantes
só os há no pensamento.

Ó Cabo da Boa Esperança
entre o nunca visto e o v
de quem vê o que se alcança
depois do como e o porquê.

Sempre que em teu pensamento
o verde pinho florir
abre os teus sonhos ao vento
porque é tempo de partir.

E sempre que mais adiante
não houver porto de abrigo
tens o astrolábio e o quadrante
passarás além do perigo.

Lá onde a noite apresenta
forma e corpo de diabo
vencerás mar e tormenta
passarás além do Cabo.

Verás então o caminho
do outro lado de aqui
e uma nau de verde pinho
que te leva além de ti.

Dezembro 93 / Março 94
Águeda, Lisboa, Tenerife

ISBN 972-21-1043-8

As naus de verde
pinho
BMC-CAM.
0C003455